

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: ESTUDO DESCRITIVO-CORRELACIONAL ENTRE UMA UNIVERSIDADE PORTUGUESA E BRASILEIRA.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE ESTUDIANTES
UNIVERSITARIOS: ESTUDIO DESCRIPTIVO-
CORRELACIONAL ENTRE UNA UNIVERSIDAD Y
PORTUGUÉS BRASILEÑO.

THE SOCIO-DEMOGRAPHIC PROFILE OF
UNIVERSITY STUDENTS: A DESCRIPTIVE-
CORRELATIONAL STUDY BETWEEN A
PORTUGUESE AND BRAZILIAN UNIVERSITY

Rúbia S. FONSECA¹

Joaquim ESCOLA²

Amâncio CARVALHO³

Armando LOUREIRO⁴

Resumo:

A UNESCO (2011), afirma que a educação deve ter como centro os alunos e considerá-los como protagonistas da sua

¹ Doutoranda do curso de Ciências da Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal. E-mail: rubiasalf@yahoo.com.br.

² Doutor em Filosofia, diretor do departamento da escola de humanas e psicologia, professor auxiliar da UTAD, Portugal.

³ Doutor em Ciências da Educação, Professor auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.

⁴ Doutor em Ciências da Educação, Professor auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.

aprendizagem e não como recetores do ensino. Neste sentido é de extrema relevância a realização de um estudo que possa contribuir para a identificação do perfil do aluno. **Desta forma, este trabalho teve o objetivo de** avaliar a relação entre o perfil sociodemográfico entre duas universidades de dois países (Brasil) e (Portugal). **Procedemos com um** estudo descritivo-correlacional, transversal, de abordagem quantitativa. 1240 estudantes universitários participaram deste estudo, aos quais foi aplicado um questionário de autopreenchimento e escala de Graffar (1956) para identificar o NSE - Nível socioeconômico. Os dados foram analisados através do teste não paramétrico de χ^2 , com nível de significância de 5%. Do total da amostra a maioria era do sexo feminino (54,9%) e pertencia ao grupo etário do 19-20 anos (39,4%). A média da idade foi de 20,11 \pm , o mínimo 17 e o máximo 56 anos. A maioria era solteira (94,1%) e pertencia à classe média alta (46,7%). Constatamos existir relação entre o estado civil, grupo etário, coabitação, manutenção financeira, meio de deslocação à universidade e NSE (χ^2 : $p \leq 0,000$). Foram encontradas semelhanças e diferenças entre os alunos universitários dos dois países.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes universitários. Universidade. Perfil sociodemográfico. Ensino-aprendizagem.

Abstract

UNESCO (2011) states that education should focus on students and consider them as protagonists of their learning and not as receivers of education. In this sense, it is extremely relevant to carry out a study that can contribute to the identification of the student profile. Objective: to evaluate the relationship between the sociodemographic profile between two universities from two countries (Brazil) and (Portugal). METHODS: a descriptive-correlational, cross-sectional study with a quantitative approach, a sample of 1240 university students, to whom a self-completion questionnaire and Graffar scale (1956) were applied to identify the NSE socioeconomic level. Data processing using SPSS 22.0) with the non-parametric test of χ^2 . Significance level of 5%. Results: Of the total sample, the majority were female (54.9%) and belonged to the age group of 19-20 years (39.4%). The mean age was 20.11 \pm , the minimum 17 and the maximum 56

years. The majority were single (94.1%) and belonged to the upper middle class (46.7%). Conclusion: We found a relationship between the civil state, age group, cohabitation, financial maintenance, means of travel to university and NSE ($\chi^2: p \leq 0,000$). Similarities and differences were found among university students from both countries.

KEYWORDS: University students. University. Sociodemographic profile. Teaching-learning.

Resumen

La UNESCO (2011), afirma que la educación debe tener como centro a los alumnos y considerarlos como protagonistas de su aprendizaje y no como receptores de la enseñanza. En este sentido es de extrema importancia la realización de un estudio que pueda contribuir a la identificación del perfil del alumno. Objetivo: evaluar la relación entre el perfil sociodemográfico entre dos universidades de dos países (Brasil) y (Portugal). Métodos: estudio descriptivo-correlacional, transversal, de abordaje cuantitativo, muestra de 1240 estudiantes universitarios, a los cuales se aplicó un cuestionario de autopercepción y escala de Graffar (1956) para identificar el NSE -Nivel socioeconómico. Tratamiento de datos con el SPSS 22.0) con la prueba no paramétrica de χ^2 . Nivel de significancia del 5%. Resultados: Del total de la muestra la mayoría era del sexo femenino (54,9%) y pertenecía al grupo de edad del 19-20 años (39,4%). El promedio de edad fue de 20,11 \pm , el mínimo 17 y el máximo de 56 años. La mayoría era soltera (94,1%) y pertenecía a la clase media alta (46,7%). Conclusión: Constatamos que existe relación entre el estado civil, grupo de edad, cohabitación, mantenimiento financiero, medio de desplazamiento a la universidad y NSE ($\chi^2: p \leq 0,000$) Se encontraron similitudes y diferencias entre los alumnos universitarios de ambos países.

PALABRAS CLAVE: Estudiantes universitarios. Universidad. Perfil sociodemográfico. Universidad. Enseñanza-aprendizaje.

INTRODUÇÃO

A obtenção do diploma de curso superior é uma meta para grande parte dos jovens. Como pode notar-se no crescimento dos índices estatísticos dos países sobre as inscrições no Ensino Superior. O crescimento do número de inscritos permitiu a gradual qualificação da população portuguesa tendo a percentagem de população residente com um grau superior aumentado de 13.2% no ano de 2011 para 16.5% em 2014 (PORDATA, 2016), de cerca de 30.000 estudantes universitários nos anos 60 e de 81.000 nos anos 80, passou-se para quase 350.00 em 2015 (GARRIDO & PRADO, 2016). No Brasil em 2004, a parcela de jovens de 18 a 24 anos no Ensino Superior era de 32,9% e cresceu para 58,5% em 2014, segundo o IBGE (2015) na Síntese de Indicadores Sociais (SIS) de 2015. Observa-se, portanto, nos últimos anos, um aumento da população universitária, carregando consigo características bastante heterogêneas no tocante à classe social, gênero, objetivos, expectativas, trajetória acadêmica anterior, faixa etária, situação de trabalho, opção pelo turno de estudo, entre outras (SCHEICH, POLYDORO, & SANTOS, 2006). Para (MOREIRA; LIMA; SILVA, 2011, p. 52):

Nas últimas décadas observou-se um aumento da população universitária com características bastante heterogêneas como classe social, gênero, objetivos, expectativas, trajetória acadêmica anterior, faixa etária, situação de trabalho, horário de estudo. Assim, percebeu-se que a educação superior provocou mudanças expressivas nos estudantes, abrangendo o nível pessoal, profissional e social desses alunos.

Desta forma pode-se dizer que a heterogeneidade dos estudantes coloca uma série de desafios e exigências às instituições de ES no sentido de criar condições para o desenvolvimento, mudança, aprendizagem e sucesso dos estudantes. Na sociedade pós-moderna, é portanto, fundamental que o ES prepare os estudantes para assumir as

suas responsabilidades morais e éticas, para se confrontarem, lidarem e resolverem problemas complexos (BASTO, 1998).

Esta questão de heterogeneidade dos estudantes universitários ganhou maior visibilidade nas investigações científicas. Em Portugal, há a percepção de que taxas cada vez mais elevadas de alunos têm chegado à universidade com insuficientes bases de conhecimento, baixos níveis de motivação e de competências de estudo (ALMEIDA, 2007). No Brasil, há um empenho do governo em abrir vagas no ensino superior, no entanto, não há o mesmo esforço na adequação dos locais de ensino, das políticas, dos processos educativos frente à diversidade da população que chega à universidade (PINTO, 2004; MICHELOTTO; COELHO; ZAINKO, 2006).

A partir desse quadro de ingresso, encontra-se uma diversidade de contextos que, por sua vez, permitem aos estudantes diferentes experiências. Ingressar na universidade acarreta grandes e novos desafios afetivos, cognitivos e sociais. Os anos que os estudantes passam na universidade são importantes tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para a formação profissional, refletindo no desenvolvimento da própria sociedade onde irão atuar quando graduados. Dada essa diversidade, é importante conhecer como se dá o perfil universitário do século XXI. Como estabelece a UNESCO (2011), “os alunos não são o objeto da educação mas sujeitos com direito a uma educação que potencie ao máximo o seu desenvolvimento como pessoas, e lhes permita inserir-se e influir na sociedade em que estão imersos” (p. 10)

As exigências de qualificação profissional e de aprendizagem contínua (JENSCHKE, 2003; SOARES, 2000), somadas à expansão e à democratização do acesso ao ensino superior (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007) têm estimulado o ingresso de um número cada vez maior de estudantes nas universidades. Como consequência disso, constata-se a heterogeneidade dos estudantes universitários em termos de idade, classe social e procedência geográfica

(MACEDO; TREVISAN; TREVISAN; MACEDO, 2005; SOARES, 2002). Ao mesmo tempo em que se observa a ampliação do sistema de educação superior, verifica-se a necessidade de apoio e orientação aos universitários no decorrer de seus anos de formação a fim de facilitar sua aprendizagem, sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial (ALMEIDA; SOARES, 2004).

O ingresso na universidade por si só pode gerar tanto expectativas positivas quanto receios e ansiedade, impondo desafios de ordem pessoal, interpessoal e acadêmica, dentre outros (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 2002; SANTOS; ALMEIDA, 2001). Nesse sentido, surge o interesse em conhecer em maior profundidade o desenvolvimento psicossocial dos alunos, ou seja seu perfil, durante o período em que permanecem na universidade (FERREIRA; ALMEIDA; SOARES, 2001).

Em Portugal, vários autores têm estudado a transição, a adaptação, o desenvolvimento psicossocial e o rendimento acadêmico dos estudantes no Ensino Superior (ALMEIDA & FERREIRA, 1999; ALMEIDA, FREITAS, & SOARES, 2004; ARAÚJO; ALMEIDA, 2003; BASTOS, 1998; DINIZ; ALMEIDA, 1997; FERREIRA; HOOD, 1990; MENEZES; COSTA; CAMPOS, 1989; NICO, 1996; ROSÁRIO et al., 2001; SOARES, 2003). Pesquisadores brasileiros que investigam a população universitária referem um corpo consolidado de pesquisas científicas internacionais que reflete a preocupação com o desenvolvimento global dos estudantes ao longo do curso e o impacto da universidade sobre esse processo (GUERREIRO-CASANOVA; POLYODORO, 2010; SANTOS; NORONHA; AMARO; VILLAR, 2005; SCHLEICH, 2006).

Adorno (1995) Adverte contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de “esclarecimento” da consciência, sem levar na devida conta a formação social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos. Para Zabalza (2004),

a universidade é cenário específico e especializado de formação. Preconiza como conceito de formação a necessária vinculação ao crescimento e aperfeiçoamento global dos sujeitos em formação como pessoas. Portanto, é imprescindível pensar a formação “*a lo largo de la vida*” (ZABALZA, 2004, p. 40) e não apenas na formação inicial, na perspectiva de ir ”mejorando como personas”.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se um estudo descritivo-correlacional, transversal, de abordagem quantitativa. A amostra foi no total de 1240 alunos, sendo 533 de Portugal e 707 do Brasil, que frequentavam 10 cursos (Biologia, Ciências do Desporto, Comunicação e Multimédia, Educação Básica, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia Electrotécnica e de computadores, Engenharia Informática, Línguas, Literatura e Cultura, Psicologia) e que estavam presentes no momento de recolha de dados e aceitaram participar. Estabelecemos como critério de seleção, ser aluno dos cursos seleccionados e frequentar o 1º, 2º e 3º ano dos cursos.

COLETA DE DADOS

Foi aplicado um questionário de autopreenchimento, com questões fechadas de múltipla escolha, já validado. Portanto, a classificação do nível socioeconómico do agregado familiar foi efetuada através da Escala de Graffar (1956), que permite avaliar a classe socioeconómica das famílias. Surgiu com o professor Marcel Graffar, da École de santé publique de l'Université libre de Bruxelles, numa revisão de vários estudos sobre classificações sociais em diferentes países, nos quais ele demonstra que em estudos biológicos e em saúde, as “amostras da população devem ser acompanhadas, se não de uma descrição completa do estilo de vida dos grupos observados, pelo menos do uso de um método de classificação social e económico que torna possível as comparações.” (GRAFFAR, 1956, p. 456). Segundo Vilaça (2012), é um

instrumento amplamente utilizado nas Ciências Sociais e Humanas, é também recomendada pelo Centro Internacional de Infância, que se baseia no estudo de características sociais da família, num conjunto de cinco critérios (escolaridade, profissão, rendimento familiar, conforto e habitação e aspecto do bairro habitado), que define a classificação em cinco classes, atribuindo-se a cada classe da família observada uma pontuação para cada um dos cinco critérios enumerados. Posteriormente, com a soma dessas pontuações, obtém-se o escalão a que a classe ocupa na sociedade: i) Classe I- classe alta- valores entre 5 a 9; ii) Classe II- classe média alta – valores entre 10 a 13; iii) Classe III- classe média – valores entre 14 a 17; iv) Classe IV- classe média baixa – valores entre 18 a 21; v) e Classe V- classe baixa – valores entre 22 a 25 (GRAFFAR, 1956). No nosso estudo, na classificação da classe V- classe baixa, não apresentou nenhum valor de pontuação.

A versão portuguesa resultou do trabalho inicial de tradução e adaptação efetuado em 1990 e revisto em 2010 por Amaro (2010), versão essa cedida pelo autor e utilizada neste estudo.

Antes da aplicação do questionário, foi solicitado previamente autorização à comissão de ética da Universidade de Portugal (7/2016) e do Brasil, também foi submetido na plataforma Brasil para autorização da comissão de Ética no Brasil que deu o seu parecer favorável (nº 1.901.179). De seguida foi agendada por email, a recolha de dados com os professores de cada um dos cursos. A investigadora deslocou-se às salas de aula, tendo informado os estudantes e realizada a entrega e recolha dos questionários em sala de aula.

TRATAMENTO DE DADOS

Para o tratamento dos dados do questionário procedemos à análise de frequências e a análises estatísticas. Para analisar os dados recolhidos utilizou-se o *software* estatístico – SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22.0, para *Windows*. A análise incluiu o uso de estatísticas descritivas

(frequências relativas e absolutas, modas, médias e respectivos desvios padrão) e estatística inferencial. Para testar as hipóteses usou-se como referência um nível de significância = 0,05. Foi construída uma base de dados no SPSS, onde os mesmos foram editados recorrendo-se à estatística descritiva, utilizando as frequências absolutas e relativas, a média e o desvio-padrão da idade e os testes não paramétricos 2e Kruskal-Wallis. O nível de significância será de 5%. Como respalda Fortin, Coté e Filion, (2009): “Na maior parte das investigações, o nível de significância estabelecido é de 0,05. Isto significa que o investigador aceita a probabilidade de se enganar ou de cometer um erro 5 vezes sobre 100. Nos artigos de investigação, os resultados relatados são muitas vezes julgados estatisticamente significativos a menos de 0,05 ou 0,01.”

RESULTADOS

O perfil sociodemográfico abrangeu as variáveis sexo, grupo etário, estado civil, posse de filhos a seu cargo e número de dependentes, coabitação em tempo de aulas, tipo de habitação, meio de deslocação para a universidade, manutenção financeira, nível socioeconómico (NSE), segundo Graffar (1956), curso e ano frequentado pelo estudante.

No total da amostra, incluindo as duas universidades (n= 1240), conforme podemos visualizar na tabela 2, a maioria dos estudantes era do sexo feminino (54,9%), enquadrava-se no grupo etário dos 19-20 anos (39,4%), era solteiro (94,1%), não tinha filhos (95,0%), coabitava com os amigos em tempo de aulas (47,5%), numa casa/apartamento mantidos pela família (46,3%), deslocava-se para a universidade de autocarro/ómnibus(37,1%) e a pé (36,5%), a sua manutenção financeira dava-se através de mesada da família (41,8%) e atividade académica/bolsa de estudos (41,2%), pertencia ao NSE da classe média alta (46,7%), o maior grupo da amostra frequentava o curso de Enfermagem (19,5%) e o 1º ano dos cursos(45,4%).

Na amostra parcial da universidade portuguesa ($n=533$), conforme podemos visualizar na tabela 1, a maioria dos estudantes era do sexo feminino (53,5%), enquadrava-se no grupo etário dos 19-20 anos (43,5%), a média da idade foi de $20,11 \pm 2,901$ anos, o mínimo 17 anos e o máximo 45 anos, era solteiro (98,5%), não tinha filhos (98,9%), coabitava com os amigos em tempo de aulas (60,2%), numa casa/apartamento mantidos pela família (57,8%), deslocava-se para a universidade de transporte público (autocarro/ómnibus) (41,3%), a sua manutenção financeira dava-se através de mesada da família (58,9%), pertencia ao NSE da classe média alta (53,8%), o maior grupo frequentava o curso de Engenharia Informática (21,0%) e o 1º ano dos cursos (50,3%). Salienta-se que 9,4% dos estudantes viviam sozinhos, 21,8% deslocavam-se a pé e 35,6% asseguravam a sua manutenção financeira através de bolsa de estudo.

Na amostra parcial da universidade brasileira ($n=707$), conforme podemos visualizar na Tabela 1, a maioria dos estudantes era do sexo feminino (55,9%), enquadrava-se no grupo etário dos 19-20 anos (36,2%), a média da idade foi de $21,48 \pm 5,545$ anos, o mínimo 17 anos e o máximo 56 anos, era solteiro (90,5%), não tinha filhos (92,1%), coabitava com os amigos em tempo de aulas (37,8%), numa casa/apartamento mantidos pela família (37,0%), deslocava-se para a universidade a pé (47,7%), a sua manutenção financeira dava-se através de atividade acadêmica/bolsa de estudos (44,6%), pertencia ao NSE da classe média (46,8%), o maior grupo frequentava o curso de Enfermagem (23,2%) e o 1º ano dos cursos (41,6%).

Tabela 2. Perfil sociodemográfico dos estudantes por universidade e total da amostra (%)

Variáveis/Categorias	Brasil	Portugal	Total da amostra
	Fi fr	Fi fr	Fi fr
Sexo			
Feminino	55,9 311	53,7 246	54,9 557
Masculino	44,1 394	46,3 285	45,1 679
Grupo etário			
17-18 A	25,2 177	25,7 137	25,4 314
19-20 A	36,2 254	43,5 232	39,4 486
21- 22 A	17,4 122	21,4 114	19,1 236
≥23 A	21,2 149	9,4 50	16,1 199
Estado civil			
Solteiro	90,5 637	98,9 525	94,1 1162
Casado	8,0 56	0,9 5	4,9 61
Divorciado	1,6 11	0,2 1	1,0 12
Possui filhos			
Não	92,1 650		95,0 1177
Sim	7,9 56	98,9 527	5,0 62
N.º de filhos			
1 filho	51,8 29	1,1 6	52,5 32
2 filhos	39,3 22	80,0 4	37,7 23
3 filhos	3,6 2	20,0 1	3,3 2
4 filhos	3,6 2		3,3 2
5filhos	1,8 1		1,6 1
Cohabitação			
Com os pais	29,0 204	19,7 105	25,0 309
Com o conjugue	10,1 71	2,6 14	6,9 85
Como os familiares	18,6 131	7,9 42	14,0 173
Com os amigos	37,8 266	60,3 321	47,5 587
Sozinho	4,5 32	9,4 50	6,6 82

Variáveis/Categorias	Brasil	Portugal	Total da amostra
	Fi fr	Fi fr	Fi fr
Tipo de habitação			
Casa apto mantido pela família	37,0 258	58,7 308	46,3 566
Casa apto mantido pelo próprio aluno	14,6 102	16,0 84	15,2 186
Residência da Universidade	32,8 229	11,2 59	23,5 288
Pensão ou hotel	2,4 17	1,3 7	2,0 24
Casa de familiares ou outros	13,2 92	12,8 67	13,0 159
Meio de deslocação			
A pé	44,7 334	21,8 116	36,5 450
Boleia/carona	6,6 46	12,4 66	9,1 112
Autocarro	33,9 237	41,4 220	37,1 457
Veículo motorizado	10,6 74	23,5 125	16,2 199
Bicicleta	1,1 8	0,8 4	1,0 12
Taxi	0,1 1	0,2 1	0,2 2
Manutenção financeira			
Atividade académica	45,3 315	35,8 190	41,2 505
Trabalho com contrato	17,4 121	2,5 13	10,9 134
Empréstimo bancário	3,7 26	0,8 4	2,4 30
Mesada da família	28,6 199	59,2 314	41,8 513
Poupança	5,0 35	1,7 9	3,6 44
NSE			
Classe alta	5,1 32	7,7 41	6,3 73
Média alta	41,0 259	53,6 285	46,7 544
Média	46,8 296	32,7 174	40,4 470
Média baixa	7,0 44	6,0 32	6,5 76
Baixa	0,2 1	0 0	0,1 1

Variáveis/Categorias	Brasil	Portugal	Total da amostra
	Fi fr	Fi fr	Fi fr
Curso			
1. Biologia	9,1 64	11,6 62	10,2 126
2. Ciências do desporto	7,1 50	12,0 64	9,2 114
3. Comunicação e Multimédia	5,8 41	7,5 40	6,5 81
4. Educação Básica	7,5 53	7,1 38	7,3 91
5. Enfermagem	23,2 164	14,3 76	19,4 240
6. Engenharia Civil	10,0 71	2,4 13	6,8 84
7. Engenharia Eletrotécnica	2,8 20	4,3 23	3,5 43
8. Engenharia Informática	15,1 107	21,0 112	17,7 219
9. Línguas	3,3 66	4,5 24	7,3 90
10. Psicologia	10,0 71	15,2 81	12,3 152
Ano do Curso			
1º ano	41,6 294	50,3 268	45,4 562
2º ano	37,5 265	24,0 128	31,7 393
3º ano	20,8 147	25,7 137	22,9 285
Total	100 706	100 533	100 1240

Fonte: Dados da Pesquisa

Para testar se existe diferença entre o perfil sociodemográfico (sexo, grupo etário, estado civil, manutenção financeira, NSE) dos estudantes entre as universidades dos dois países, procedemos à realização dos testes estatísticos de χ^2 .

No **estado civil** foram encontradas diferenças estatísticas altamente significativas $\chi^2: p= 0,000$, onde a universidade Portuguesa tem + 6,2 casos que o esperado de estudantes solteiros e na universidade brasileira + 6,6 casos que o esperado de estudantes casados e +2,4 casos que o esperado de estudantes divorciados.

O **sexo** dos estudantes não difere significativamente entre as universidades.

O **grupo etário** dos estudantes difere significativamente entre as universidades ($\chi^2: p \leq 0,000$), sendo que os na

universidade brasileira tem + 5,6 casos que o esperado de estudantes no grupo de 23 e mais anos, no grupo de 19 aos 20 anos a universidade portuguesa tem + 2,6 casos do que o esperado de estudantes mais novos.

Na **coabitação** foram encontradas diferenças estatísticas altamente significativas χ^2 : $p=0,000$, onde na universidade brasileira há + 3,7 casos que o esperado de estudantes que vivem com os pais e + 5,1 casos de estudantes que vivem com os cônjuges, +5,4 casos que o esperado de estudantes que vivem com os familiares. Já na universidade portuguesa há + 7,9 casos que o esperado de estudantes que vivem com os colegas e + 3,4 casos que o esperado de estudantes que vivem sozinhos.

Na **manutenção financeira** existem diferenças altamente significativas χ^2 : $p=0,000$, na universidade brasileira há +3,3 casos que o esperado de estudantes que sua manutenção vem de bolsas de estudos ou atividade acadêmica + 8,3 casos que o esperado de estudantes com trabalho de contrato + 3,3 casos que o esperado de estudantes que utilizam o empréstimo bancário para se manter na faculdade e + 3,1 casos de estudantes que sua manutenção financeira é proveniente de poupança. Já na universidade portuguesa +10,8 de casos que o esperado de estudantes que sua manutenção financeira é proveniente de mesada da família.

Existem diferenças significativas na questão do **meio de deslocação** dos estudantes para a universidade, entre as universidades (χ^2 : $p < 0,000$), sendo que os estudantes da universidade brasileira há + 9,4 casos que o esperado de alunos que se deslocam à universidade a pé. Já na universidade portuguesa (RA= +3,5) de alunos que se deslocam de boleia/carona e (RA=+2,7) casos que o esperado de estudantes que se deslocam de autocarro/ómnibus e (RA=+6,1) casos que o esperado de estudantes que se deslocam de carro.

O **nível socioeconómico** dos estudantes apresenta diferenças significativas entre as universidades (χ^2 : $p \leq 0,000$), sendo que os alunos da universidade brasileira (RA= +4,9)

casos que o esperado de alunos de classe média e os alunos da universidade portuguesa (RA= +4,3) casos que o esperado de alunos de classe média alta.

DISCUSSÕES E CONCLUSÕES

Conforme ressaltam Almeida e Castro (2017), sobre a importância desta parte de nossa pesquisa, de se caracterizar o perfil do universitário, “Não sendo as dificuldades na transição e adaptação ao ES exclusivas destes “novos públicos”, a investigação destaca a necessidade de caracterização geral dos estudantes e a implementação de medidas de acordo com as suas necessidades.” Indo também em direção ao exposto por (TERENZINI et al.,1994; TERENZINI; SPRINGER; YAGER; PASCARELLA; NORA, 1996), quando dizem que atualmente, as características dos estudantes do ES incluem a diversidade na idade, estatuto sócio- económico, gênero, raça/ etnia, e recursos pessoais.

Nos resultados desta pesquisa, a maioria dos estudantes se deslocaram das casas dos pais e moravam com amigos em tempos de aulas. Os estudos de Furnet (1986) mostravam a importância da independência na adaptação à vida e aos estudos universitários, a análise dos resultados mostraram que os sucessos são estatisticamente mais numerosos naqueles estudantes total ou parcialmente independentes dos pais, do ponto de vista financeiro, e que adotaram competências de estudo do que os sucessos nos estudantes que continuaram presos aos seus velhos hábitos.

Em relação ao resultado do gênero da nossa amostra que nos dois países foram em sua maioria do sexo feminino, podemos refletir sobre os dados que apontam o aumento do número de licenciados num tão curto espaço de tempo que teve consequências na diminuição da distância social entre profissões, mas também na mudança no perfil sociodemográfico dos estudantes universitários. Tome-se como exemplo as diferenças de gênero, quando sabemos que a população estudantil é atualmente majoritariamente mulheres.

(PORDATA,2017). Assim como no estudo de Franco, Dias, Almeida e Joly (2011), apontaram que a maioria 64,4% dos universitários participantes em sua amostra composta por duas universidades portuguesas do Minho e de Coimbra, eram do sexo feminino, bem como no estudo de Prates, Joly, Dias e Almeida (2011), sua amostra composta por três universidades brasileiras, duas de São Paulo e uma de Minas Gerais eram maioritariamente 70,3% do sexo feminino. O estudo de Almeida et al. (2006) também afirmou que o ensino superior é hoje, contrariamente a algumas décadas atrás, frequentado por estudantes de diversas origens sociais e com a taxa mais elevada de estudantes do sexo feminino.

A população estudantil é cada vez mais heterogênea. Por exemplo, 7% dos alunos inscritos no ensino superior público no ano letivo 2014/2015 eram estrangeiros, enquanto que no ensino privado essa percentagem atingiu os 11%, o ingresso inclui cada vez mais pessoas de diferentes estratos sociais e ainda as gerações mais velhas que estejam interessadas em envolver-se em processos de formação ao longo da vida. (ALMEIDA; QUINTAS; GONÇALVES, 2016; MONTEIRO; BARROS; MOREIRA, 2015). No caso desta pesquisa, a maioria eram nacionais dos próprios países, porém, alguns autores (FRAGOSO, 2016), utilizam o termo “estudantes não tradicionais” para incluir estudantes mais velhos, imigrantes, estudantes provenientes de agregados familiares de estatuto sociodemográfico mais baixo, bem como estudantes com necessidades educativas especiais. (PIRES,2016). É neste contexto de diversidade que cada vez mais o ensino superior se define enquanto fator promotor de inclusão social, como também pudemos ver em nossa amostra a maioria da faixa etária de 19 a 20 anos porém alunos maiores de 23 anos indo no caso da amostra do Brasil até 56 anos e no caso da amostra de Portugal até 45 anos. Podemos ver que estes dados corroboram com os estudos de Almeida e Castro (2017), quando afirmam que a expansão ocorrida no Ensino Superior (ES) em Portugal proporcionou o seu acesso por grupos de

estudantes bastante diferenciados socioculturalmente entre si, designados genericamente por “novos públicos” ou “estudantes não tradicionais”.

Muitos são os estudos realizados em relação a se identificar os novos públicos universitários, devido a expansão do Ensino Superior em Portugal, observando-se uma maior presença de alunos de grupos socioculturais menos favorecidas, com necessidades educativas específicas ou mais velhos, entre outros (ALMEIDA; GUISANDE; SOARES; SAAVEDRA, 2006; Balsa; SIMÕES; NUNES; CARMO; CAMPOS, 2001; COSTA; ARAÚJO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2013; VALADAS; GONÇALVES; FAÍSCA, 2011). No caso da amostra deste estudo as características de nível socioeconômico abrangeram mais alunos no caso de Portugal de classe média alta e que seu estudo é mantido por mesada da família e no caso da amostra do Brasil classe média em que garantem os estudos por meio de bolsas de estudos ou atividades acadêmicas. No Brasil, a ampliação das oportunidades de acesso à educação superior não tem se restringido apenas ao crescimento do número de alunos, de cursos ou de instituições, mas tem significado transformações qualitativas no tocante ao perfil e às características dos ingressos, conforme a perspectiva de que o acesso é para todos. (ALMEIDA; CASTRO, 2017).

Em Portugal, alguns estudos têm apontado que fatores como o gênero, o estatuto socioeconômico, o capital cultural e o perfil acadêmico dos estudantes são categorias que limitam de certa maneira as suas escolhas bem como a provável maior longevidade dos seus percursos académicos (MAGALHÃES et al., 2009; TAVARES, 2013; TAVARES; CARDOSO, 2013). Dados do Eurostudent (2015) mostram que estudantes de famílias com baixo capital cultural, também designados como “estudantes de primeira geração”, tendem a ingressar no ensino superior mais tarde. Além disso, na maioria dos países europeus, esses estudantes encontram-se em instituições não universitárias, evidenciando que as preferências, as escolhas

e o acesso académico são mais restritos para estudantes de contextos sociais mais desfavorecidos (EUROSTUDENT, 2015).

No caso português, e apontando os estudos mais recentes, é de referir o estudo realizado pela Universidade de Évora (2016), onde as questões económicas são apontadas como fazendo parte das principais razões pelas quais os estudantes abandonam o ensino superior, sendo que o número de estudantes com apoio social que desiste desta Universidade é três vezes menor em comparação com o número de estudantes sem qualquer apoio. Ferreira e Fernandes (2015), analisou o fenómeno do abandono na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, concluindo também que a questão económica se apresentou como uma das principais razões apontadas pelos estudantes para a sua desistência. A relevância do fator económico associado à inexistência de apoio por parte do Estado e dos serviços sociais da instituição que o aluno frequenta, reflete na situação em que o risco de abandono se agrava de forma muito significativa, observado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD (RIBEIRO et al. 2014). Por estes dados podemos ver que a grande maioria da amostra dos universitários portugueses da nossa amostra, são de classe média alta, e conforme investigações já mencionadas aparentemente os alunos de classes mais baixas, não se arriscam a entrar em uma universidade, ou se entram desistem com mais frequência, ou entram mais tarde ou ainda procuram politécnicos ou escolas profissionais.

Neste mundo global em que vivemos e com a proposta da internacionalização e mobilidade, este estudo oferece um recorte, uma breve visão das semelhanças e diferenças sociodemográficas, entre dois países. Este estudo poderá ser ainda uma mais-valia para o processo de ensino-aprendizagem no ensino superior dos dois países, pois os estudos realizados nestes contextos ainda são escassos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação** / Theodor W. Adorno; Tradução Wolfgang

Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 11.

ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**, v. 14, n. 2, p. 203-215, 2007.

ALMEIDA, L.; CASTRO, R. **Ser estudante no ensino superior**: As respostas institucionais à diversidade de públicos. Centro de Investigação em Educação (CIED) Instituto de Educação, Universidade do Minho. 2017.

ALMEIDA, L. S., & FERREIRA, J. A. G. Adaptação e rendimento académico no ensino superior: Fundamentação e validação de uma escala de avaliação de vivências académicas. **Psicologia**: Teoria, Investigação e Prática, n. 1 , p. 157-190, 1999.

ALMEIDA, L.; SOARES, A.; FERREIRA, J. Transição e adaptação à Universidade: Apresentação do Questionário de Vivências Académicas (QVA). **Psicologia**, v. 29, p. 189-208, 2002.

ALMEIDA, L. S., FREITAS, A. C., & SOARES, A. P. Integración y adaptación académica en la universidad: estudio considerando la titulación y el sexo. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**, v. 11, p. 169-182, 2004.

ALMEIDA, L. S., et al. Acesso e sucesso no Ensino Superior em Portugal: Questões de género, origem sócio-cultural e percurso académico dos alunos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 193, p. 507-514, 2006.

ALMEIDA, A.; QUINTAS, H.; GONÇALVES, T. Estudantes não-tradicionais no ensino superior: Barreiras à aprendizagem

e na inserção profissional. **Laplage em Revista**, v. 2, p. 97-111, 2016.

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Eds.). **Estudante universitário: Características e experiências de formação** (pp. 15-40). São Paulo. 2004.

AMARO, F. **A Classificação das famílias segundo a escala de Graffar**. Fundação N.S. Bom Sucesso. Lisboa. 2010.

ARAÚJO, B. R., & ALMEIDA, L. S. O modelo de organização curricular e a satisfação académica em estudantes do Ensino Superior: Estudo realizado no âmbito do ensino de enfermagem. **Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación**, v. 8, p. 33-40, 2003.

BALSA, C. et al. **Perfil dos estudantes do ensino superior: Desigualdades e diferenciação**. Lisboa: CEOS, Colibri. 2001.

BASTOS, A. **Desenvolvimento pessoal e mudança em estudantes do Ensino Superior: Contributos da teoria, investigação e intervenção**. Dissertação de doutoramento. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.1998.

DINIZ, A. M.; ALMEIDA, L. Construção de uma escala de Qualidade da Integração

no Ensino Superior (EQIES). **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, v. 2, p. 85-96, 1997.

COSTA, A. R. et al. Expectativas académicas em alunos tradicionais e não-tradicionais de engenharia. **Revista Peruana de Psicología y Trabajo Social**, v. 2, n. 1, p. 63-74, 2013.

EUROSTUDENT. **Social and Economic Conditions of Student Life in Europe 2012 - 2015**. Synopsis of Indicators

(Social and Economic Conditions of Student Life in Europe). 2015. Disponível em: <http://www.eurostudent.eu/results/reports> em 09.12.2016

FRANCO. Et al. **Competências de estudo e pensamento crítico:** suas interações. VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (108-108). 2011. [Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/16416>, Consultado em Janeiro 2015]

FRAGOSO, A. **A investigação no campo dos estudantes não-tradicionais no ensino superior:** O caso dos estudantes do 1º ano (pp. 39-63). Braga, PT: Centro de Investigação em Educação (CIEd) Instituto de educação, Universidade do Minho, 2016.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Adaptação Acadêmica em estudante do 1º ano: Diferenças de género, situação de estudante e curso. **PsicoUSF**, v. 6, n. 1, p. 01-10, 2001.

FERREIRA, F.; FERNANDES, P. Fatores que influenciam o abandono no Ensino Superior e iniciativas para a sua prevenção – o olhar dos estudantes. **Educação, Sociedade e Culturas**, v. 45, p. 177-197, 2015.

FERREIRA, J. A.; HOOD, A. B. Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial de estudante universitário. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 24, p. 391-406, 1990.

FORTIN, M, COTE, J.; FILION, F. **Fundamentos e etapas do processo de investigação.** Lusodidacta. 2009.

GARRIDO. M.V.; PRADA. M. **Manual de competências académicas:** Da adaptação à universidade à excelência académica. Lisboa: Silabo. 2016.

GRAFFAR, M. Une Methode de classification sociale d'échantillons de population. **Courrier**, v. 6, p. 455-459, 1956.

GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; POLYDORO, S. A. J. Integração ao ensino superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. **Psicologia Ensino & Formação**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 85-96, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2015). Retirado de <http://www.ibge.gov.br/home/>

JENSCHKE, B. A cooperação internacional: Desafios e necessidades da orientação e do aconselhamento em face das mudanças mundiais no trabalho e na sociedade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 4, p. 35-55, 2003.

MACEDO, A. R. et al. Educação superior no século XXI e a reforma universitária brasileira. **Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação**, v. 13, p. 127-148, 2005.

MAGALHÃES, A.; AMARAL, A.; TAVARES, O. Equity, access and institutional Competition. **Tertiary Education and Management**, v. 15, n. 1, 35-48, 2009.

MENEZES, I.; COSTA, M. E.; CAMPOS, B. P. Valores de estudantes universitários. **Cadernos de Consulta Psicológica**, v. 5, p. 53-68, 1989.

MICHELOTTO, R.; COELHO, R. H.; ZAINKO, M. H. S. **A política de expansão da educação superior e a proposta de reforma do governo Lula**, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O plano de desenvolvimento da educação: Razão, princípios e programa**. 2007. Recuperado em 21 agosto 2012, de <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/livromiolov4.pdf>

MONTEIRO, A. M. R.; BARROS, R. M. A.; MOREIRA, J. A. Novos públicos do ensino superior: Abordagem à aprendizagem de estudantes maiores de 23 anos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 49, p. 131-149, 2015.

MOREIRA, C. A.; LIMA, F. M.; SILVA, P. N. A difícil tarefa de académicos de curso noturno em conciliar trabalho e estudo. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**, n. 6, 2011. Disponível em: <<http://www.univar.edu.br/revista/downloads/adificil-tarefa-dos-academicos.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

NICO, J. B. A entrada na Universidade: Vocacionalmente um fim ou um princípio? In ALMEIDA, L.; SILVÉRIO, J.; ARAÚJO, S. (Eds.), **Actas do II Congresso Galaico-português de psicopedagogia**. Braga: Universidade do Minho. 1996.

PINTO, A.; SILVA, A. **Stress e bem estar**: modelos e domínios de aplicação. Lisboa, climepsi editores. 2004.

PIRES, L. A. Estudantes com necessidades educativas especiais no ensino superior: Respostas institucionais. In ALMEIDA, L. S.; VIEIRA DE CASTRO, R. (Eds), **Ser estudante no ensino superior**: O caso dos estudantes do 1º ano (pp. 64-80). Braga, PT: Centro de Investigação em educação (CIEd) Instituto de Educação, Universidade do Minho. 2016.

PORDATA (2016). [http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-884](http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-884)

PRATES, E. A. R. et al. **Competências de estudo e motivação para a universidade**. VII Congresso Iberoamericano de Avaliação/ Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Sociedade Portuguesa de Psicologia. 2011.

RIBEIRO, F. B. et al. **Abandono escolar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: estudo exploratório**. Vila Real: Universidade de Trás os-Montes e Alto Douro. 2014.

ROSÁRIO, P. et al. Como enfrentam os alunos universitários as suas tarefas académicas? Um enfoque sobre o ano escolar e a sua relação com o rendimento escolar. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e Educación**, v. 5, p. 429-437, 2001.

SANTOS, L.; ALMEIDA, L. Vivências académicas e rendimento escolar: estudo com universitários do 1 ano. **Análise Psicológica**, v. 2, n. 19, p. 205-217, 2001.

SCHLEICH, A. L. R.; POLYDORO, S. A. J.; SANTOS, A. A. A. Escala de satisfação com a experiência académica de estudantes do ensino superior. **Avaliação Psicológica**, v. 5, n. 1, 11-20, 2006.

SOARES, D. H. P. As diferentes abordagens em orientação profissional. In M. D. Lisboa; D. H. P. Soares (Eds.). **Orientação profissional em ação: Formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2000. p. 24-47.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n 81, p. 143-160, 2002.

SOARES, A. P. **Transição e adaptação ao Ensino Superior: Construção e validação de um modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário**. Dissertação de doutoramento. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2003.

UNESCO Institute for Statistics. **Global Education Digest: Comparing education statistics across the world**. Quebec: Author. 2011. Retirado de: <http://www.uis.unesco.org/Education/GED%20Documents%20C/GED-2011-Book-EN-web2.pdf>

TAVARES, O. Routes towards Portuguese higher education: Students' preferred or feasible choices? **Educational Research**, v. 55, n. 1, p. 99-111, 2013.

TAVARES, O.; CARDOSO, S. Enrolment choices in Portuguese higher education: Do students behave as rational consumers? **Higher Education**, V. 66, n. 3, p. 297-309, 2013.

TERENZINI, P. et al. **The multiple influences of college on students' critical thinking skills**. Paper presented at the annual meeting of the Association for the Study of Higher Education, Tucson, AZ. 1994.

TERENZINI, P. et al. First-generation college students: Characteristics, experiences, and cognitive development. **Research in Higher Education**, v.37, p. 1-22, 1996.

VALADAS, S. C. A. T.; GONÇALVES, F. R.; FAÍSCA, L. M. M. Perfis de aprendizagem de estudantes do ensino superior: Abordagens ao estudo, concepções de aprendizagem e preferências por diferentes tipos de ensino. **Análise Psicológica**, v. 29, p. 369-389, 2011.

VILAÇA. S.P. P. **Desenvolvimento infantil e capacitação materna como resultado da aplicação do programa de empowerment parental para o desenvolvimento infantil (PEPDI)**. Tese de doutoramento em estudos da criança. Universidade do Minho. 2012.

ZABALZA, M. (2004). **O ensino universitário: Seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Submetido em: 01/03/2019

Aprovado em: 12/04/2019

365

